

Estado de Minas online – 01/03/2014
Chuvas ficam abaixo da média em fevereiro e cresce risco de racionamento

http://www.em.com.br/app/noticia/economia/2014/03/01/internas_economia,503426/crece-o-risco-de-rationamento.shtml

em.
com.br

Chuvas ficam abaixo da média em fevereiro e cresce risco de racionamento

Chuvas deste mês devem ficar abaixo da média e crise energética pode ser agravada. Associações vão entregar carta de alerta ao ministro Lobão. Brasileiro tem que economizar

Sílvio Ribas

Zulmira Furbino

Publicação: 01/03/2014 00:12 Atualização: 01/03/2014 07:58



Nível dos reservatórios, como o da usina de Jaguari (SP) é preocupante (Paul Whitake

Nível dos reservatórios, como o da usina de Jaguari (SP) é preocupante

Brasília - A falta de transparência do governo em lidar com a atual crise energética — provocada pelo declínio do nível dos reservatórios de hidrelétricas em pleno período chuvoso e pelo avanço do consumo, embalado pelas altas temperaturas em todo o país — está testando os nervos de empresários e até mesmo de autoridades do setor. As seguidas posturas evasivas do Planalto em relação ao crescente estresse do Sistema Interligado Nacional (SIN) começaram a alimentar o temor de que um racionamento nos moldes do adotado pelo país em 2001 seja anunciado logo após as eleições.

Apesar dos impedimentos fiscais para arcar com a disparada do custo da eletricidade no atacado, puxado pelo uso intensivo da caríssima geração térmica e dos alertas do Operador Nacional do Sistema (ONS) sobre os volumes escassos de chuvas, o Planalto insiste em colocar nas mãos de São Pedro a saída para driblar o colapso nos

próximos meses. Tal posicionamento, reforçado semana passada pelo ministro da Fazenda, Guido Mantega, foi ironizado pela revista britânica *The Economist* e a expectativa oficial de reforço no fluxo dos rios do Sudeste e Centro-Oeste ainda não se confirmou.

O Operador Nacional do Sistema (ONS) estima que as chuvas de março no Sudeste e Centro-Oeste, principal região para abastecimento dos reservatórios das hidrelétricas, devem representar 67% da média histórica para o mês. O ponto de equilíbrio seria 76%. É nesse contexto que algumas associações do setor elétrico estão preparando uma carta a ser entregue ao ministro de Minas e Energia, Edison Lobão, na qual expressam as suas preocupações quanto à situação das hidrelétricas e da garantia de abastecimento de energia.

No documento, dirigentes exigirão um sinal para que os consumidores poupem energia e que também sejam pensadas campanhas nacionais de incentivo ao consumo racional. “O dilema do governo é racionalizar agora o consumo ou racionar a oferta depois, o que seria algo extremo”, resumiu o presidente de uma entidade. Com os principais reservatórios de hidrelétricas registrando os menores patamares desde 2001, apesar do acionamento do parque térmico, o receio dos líderes é que a chuva prevista para este mês não se confirme.

O estoque de água das usinas do Sudeste e Centro-Oeste, as principais para atender a demanda do país, estão terminando fevereiro a 34,71% e se aproximando do quadro do fim de fevereiro de 2001. Os percentuais estão abaixo da expectativa do ONS e com uma queda de mais de 8 pontos ante dezembro de 2013. “Melhor seria os órgãos responsáveis abrirem o jogo com a população sobre o quadro crítico para evitar o racionamento, a pior das medidas”, alertou João Carlos Mello, da consultoria Thymos.

O especialista explicou que a eventual repetição de um plano nacional de contingenciamento, 13 anos após o realizado no governo Fernando Henrique Cardoso, terá de perseguir a mesma meta de redução da demanda, de 20%. “Para ter credibilidade e cumprir a sua missão, esse percentual não poderia ser menor”, adverte, lembrando que uma contenção voluntária de 5% do consumo já evitaria esse aperto, além de sair bem mais barato ao país.

CUSTO QUENTE

Reginaldo Medeiros, presidente da Associação Brasileira dos Comercializadores de Energia (Abraceel), acrescentou que a geração térmica está custando R\$ 2,5 bilhões mensais ao setor, montante que poderia ser reduzido para R\$ 700 milhões se o consumo atual fosse apenas 5% menor. “O preço elevado da eletricidade retrata bem a gravidade da escassez nas hidrelétricas. É uma pena que o consumidor não esteja sendo informado desses custos, que, por mais que o Tesouro tente compensar com aportes, acabarão sendo cobrados no futuro próximo”, sublinhou.

O executivo lamentou que as bandeiras tarifárias, sistema concebido pela Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel) para avisar o cliente da distribuidora sobre o encarecimento da energia, não estejam funcionando plenamente. “Sem esse sinal real de preço e com a promessa de descontos nas tarifas, o cidadão acabou induzido a se comportar de maneira inversa ao ideal, ampliando sua demanda”, observou.

Para os empresários, a única diferença nos panos de fundo do setor elétrico em 2001 e em 2014 é que a geração térmica mais que dobrou seu peso e está completando 18 meses ininterruptos de acionamento. Com a pressão do nível baixo das represas, o preço do megawatt-hora (MWh) para março foi fixado ontem no máximo de R\$ 822,83 para os mercados de Sudeste e Sul, R\$ 626,11, para o Nordeste e R\$ 400,51, para o Norte.

Claudio Sales, presidente do Instituto Acende Brasil, considera o cenário atual preocupante à medida que “está evidente a dependência cada vez maior de chuvas mais vigorosas até abril”. “O governo poderia estar contando com o apoio da população para superar as dificuldades do momento atual, mas preferiu se arriscar, apostando tudo numa mudança radical da meteorologia em período tão curto, de apenas um mês”, observou, citando declarações do ministro Mantega, que adiou a decisão sobre novos aportes no setor após conferir o trabalho de São Pedro.

Água escassa em Pará de Minas

Em Pará de Minas, na Região Central do estado, onde os mananciais estão abaixo do nível normal devido ao longo período de estiagem, a Companhia de Saneamento de Minas Gerais foi obrigada a promover manobras de abastecimento para que todos os imóveis, inclusive os localizados em regiões mais altas, recebam água. Mesmo assim, alguns moradores do Bairro Recanto da Lagoa, como a faxineira Simone de Paula, estão sem água desde segunda-feira. “O caminhão pipa está passando em algumas ruas, mas não passou na minha. Não temos água em casa nem para beber. A vizinha da frente também está sem água e teve que pedir balde para outros vizinhos para limpar o banheiro”, afirmou.

A Copasa explicou que mantém quatro pontos de captação no município. Além disso, numa ação de reforço do sistema, perfurou 17 poços profundos (artesianos) ao longo dos últimos dois anos, porém apenas sete se mostraram viáveis e hoje contribuem com 30 litros por segundo de água produzida. De acordo com a Copasa, Pará de Minas fica em uma região de pobreza hídrica, entre duas bacias hidrográficas, o que agrava os reflexos da estiagem. A companhia afirmou que vai encaminhar o telefone da moradora para o encarregado da empresa na cidade para que ele tome providências.

Chuvas deste mês devem ficar abaixo da média e crise energética pode ser agravada. Associações vão entregar carta de alerta ao ministro Lobão. Brasileiro tem que economizar

Brasília – A falta de transparência do governo em lidar com a atual crise energética — provocada pelo declínio do nível dos reservatórios de hidrelétricas em pleno período chuvoso e pelo avanço do consumo, embalado pelas altas temperaturas em todo o país — está testando os nervos de empresários e até mesmo de autoridades do setor. As seguidas posturas evasivas do Planalto em relação ao crescente estresse do Sistema Interligado Nacional (SIN) começaram a alimentar o temor de que um racionamento nos moldes do adotado pelo país em 2001 seja anunciado logo após as eleições.

Apesar dos impedimentos fiscais para arcar com a disparada do custo da eletricidade no atacado, puxado pelo uso intensivo da caríssima geração térmica e dos alertas do Operador Nacional do Sistema (ONS) sobre os volumes escassos de chuvas, o Planalto insiste em colocar nas mãos de São Pedro a saída para driblar o colapso nos próximos meses. Tal posicionamento, reforçado semana passada pelo ministro da Fazenda, Guido Mantega, foi ironizado pela revista britânica *The Economist* e a expectativa oficial de reforço no fluxo dos rios do Sudeste e Centro-Oeste ainda não se confirmou.

O Operador Nacional do Sistema (ONS) estima que as chuvas de março no Sudeste e Centro-Oeste, principal região para abastecimento dos reservatórios das hidrelétricas, devem representar 67% da média histórica para o mês. O ponto de equilíbrio seria 76%. É nesse contexto que algumas associações do setor elétrico estão preparando uma carta a ser entregue ao ministro de Minas e Energia, Edison Lobão, na qual expressam as suas preocupações quanto à situação das hidrelétricas e da garantia de abastecimento de energia.

No documento, dirigentes exigirão um sinal para que os consumidores poupem energia e que também sejam pensadas campanhas nacionais de incentivo ao consumo racional. “O dilema do governo é racionalizar agora o consumo ou racionar a oferta depois, o que seria algo extremo”, resumiu o presidente de uma entidade. Com os principais reservatórios de hidrelétricas registrando os menores patamares desde 2001, apesar do acionamento do parque térmico, o receio dos líderes é que a chuva prevista para este mês não se confirme.

O estoque de água das usinas do Sudeste e Centro-Oeste, as principais para atender a demanda do país, estão terminando fevereiro a 34,71% e se aproximando do quadro do fim de fevereiro de 2001. Os percentuais estão abaixo da expectativa do ONS e com uma queda de mais de 8 pontos ante dezembro de 2013. "Melhor seria os órgãos responsáveis abrirem o jogo com a população sobre o quadro crítico para evitar o racionamento, a pior das medidas", alertou João Carlos Mello, da consultoria Thymos.

O especialista explicou que a eventual repetição de um plano nacional de contingenciamento, 13 anos após o realizado no governo Fernando Henrique Cardoso, terá de perseguir a mesma meta de redução da demanda, de 20%. "Para ter credibilidade e cumprir a sua missão, esse percentual não poderia ser menor", adverte, lembrando que uma contenção voluntária de 5% do consumo já evitaria esse aperto, além de sair bem mais barato ao país.

CUSTO QUENTE

Reginaldo Medeiros, presidente da Associação Brasileira dos Comercializadores de Energia (Abraceel), acrescentou que a geração térmica está custando R\$ 2,5 bilhões mensais ao setor, montante que poderia ser reduzido para R\$ 700 milhões se o consumo atual fosse apenas 5% menor. "O preço elevado da eletricidade retrata bem a gravidade da escassez nas hidrelétricas. É uma pena que o consumidor não esteja sendo informado desses custos, que, por mais que o Tesouro tente compensar com aportes, acabarão sendo cobrados no futuro próximo", sublinhou.

O executivo lamentou que as bandeiras tarifárias, sistema concebido pela Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel) para avisar o cliente da distribuidora sobre o encarecimento da energia, não estejam funcionando plenamente. "Sem esse sinal real de preço e com a promessa de descontos nas tarifas, o cidadão acabou induzido a se comportar de maneira inversa ao ideal, ampliando sua demanda", observou.

Para os empresários, a única diferença nos panos de fundo do setor elétrico em 2001 e em 2014 é que a geração térmica mais que dobrou seu peso e está completando 18 meses ininterruptos de acionamento. Com a pressão do nível baixo das represas, o preço do megawatt-hora (MWh) para março foi fixado ontem no máximo de R\$ 822,83 para os mercados de Sudeste e Sul, R\$ 626,11, para o Nordeste e R\$ 400,51, para o Norte.

Claudio Sales, presidente do **Instituto Acende Brasil**, considera o cenário atual preocupante à medida que "está evidente a dependência cada vez maior de chuvas mais vigorosas até abril". "O governo poderia estar contando com o apoio da população para superar as dificuldades do momento atual, mas preferiu se arriscar, apostando tudo numa mudança radical da meteorologia em período tão curto, de apenas um mês", observou, citando declarações do ministro Mantega, que adiou a decisão sobre novos aportes no setor após conferir o trabalho de São Pedro.

Água escassa em Pará de Minas

Em Pará de Minas, na Região Central do estado, onde os mananciais estão abaixo do nível normal devido ao longo período de estiagem, a Companhia de Saneamento de Minas Gerais foi obrigada a promover manobras de abastecimento para que todos os imóveis, inclusive os localizados em regiões mais altas, recebam água. Mesmo assim, alguns moradores do Bairro Recanto da Lagoa, como a faxineira

Simone de Paula, estão sem água desde segunda-feira. "O caminhão pipa está passando em algumas ruas, mas não passou na minha. Não temos água em casa nem para beber. A vizinha da frente também está sem água e teve que pedir balde para outros vizinhos para limpar o banheiro", afirmou.

A Copasa explicou que mantém quatro pontos de captação no município. Além disso, numa ação de reforço do sistema, perfurou 17 poços profundos (artesianos) ao longo dos últimos dois anos, porém apenas sete se mostraram viáveis e hoje contribuem com 30 litros por segundo de água produzida. De acordo com a Copasa, Pará de Minas fica em uma região de pobreza hídrica, entre duas bacias hidrográficas, o que agrava os reflexos da estiagem. A companhia afirmou que vai encaminhar o telefone da moradora para o encarregado da empresa na cidade para que ele tome providências.